

## **O Património Histórico de Origem Portuguesa e a Fundação Calouste Gulbenkian**

### **[slide 1]**

Desde 1956 que a Fundação Calouste Gulbenkian tem concentrado uma parte significativa das suas actividades na promoção da língua e da cultura portuguesa no estrangeiro.

Neste contexto, tem dedicado particular atenção à preservação do património construído pelos portugueses no mundo ao longo dos séculos, ou cujas características revelem uma influência portuguesa, tanto no que se refere a vestígios arquitectónicos, como no âmbito do património artístico que subsiste em diferentes territórios de África, América Latina e na Ásia.

É um pouco dessa experiência que hoje aqui apresentamos e desejamos partilhar com os Senhores Deputados.

### **[slide 2]**

A política da Fundação tem sido dirigida por alguns princípios gerais:

- a. Em primeiro lugar, o processo tem de ser iniciado pelas autoridades dos países interessados. A Fundação não toma a iniciativa, antes, responde a solicitações;
- b. Em segundo lugar, procuramos que parte dos custos dos projectos seja assumida localmente;
- c. Em terceiro lugar, e uma vez concluída a obra, a Fundação cessa a sua intervenção, e não participa na gestão futura do monumento, a qual deverá ser da responsabilidade das autoridades que o tutelam.

### **[slide 3]**

A Fundação participou na reabilitação de diferentes tipologias de monumentos - arquitectura militar, religiosa e civil - e também na preservação de objectos de arte.

Vou referir brevemente alguns dos projectos mais significativos em que a Fundação esteve envolvida - seguindo uma ordem geográfica - de forma a sugerir uma viagem por mar até ao extremo Oriente e o regresso, contornando as costas de África.

Começarei pelo Brasil.

**[Slide 4]**

O Real Forte do Príncipe da Beira foi construído entre 1776 e 1783 por ordem do governador de Mato Grosso. D. Luís de Albuquerque demonstrou sempre preocupação com a exploração metódica e científica da enorme região sob a sua autoridade.

Na linha da sua governação, construiu o imponente Forte com o objectivo principal de consolidar a afirmação da soberania portuguesa no extremo ocidental do Brasil, na fronteira com a Bolívia. Desactivado e posteriormente abandonado o Forte encontrava-se totalmente coberto por densa vegetação quando foi descoberto em 1914.

A participação da Fundação na recuperação deste extraordinário conjunto consistiu na elaboração de um projecto pormenorizado oferecido ao Presidente do Brasil, em 1985. Segundo o protocolo estabelecido a execução ficaria a cargo das autoridades brasileiras.

**[Slide 5]**

Outro projecto bastante original foi o restauro de uma pintura mural a têmpera, de largas dimensões (2,60 x 1,60) descoberta ocasionalmente por um

pedreiro que trabalhava na reparação de uma casa senhorial em São Luís do Maranhão. A pintura encontrava-se escondida por uma espessa camada de cal.

A Fundação mandou realizar pesquisas e exames que concluíram tratar-se de um trabalho de um arquitecto português (Joaquim Cândido Guillobel), supervisionou a construção de diversos edifícios no Brasil - o Paço Imperial de Petrópolis e do Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro, por exemplo.

A pintura representa um projecto para a remodelação do Terreiro do Paço (Lisboa) - alternativo ao de Eugénio dos Santos.

Uma nota curiosa é que a recuperação do painel permitiu pela primeira vez conhecer a cor original dos edifícios do Terreiro do Paço. Pesquisas posteriores confirmaram os pigmentos originais e devolveram a cor amarelo-torrada ao conjunto (depois de ter sido verde-claro e cor-de-rosa).

#### **[slide 6]**

Este complexo arquitectónico (hospital, convento e igreja) foi construído no século XVI. Passou por

diversas campanhas de remodelação e, no século XVIII a igreja sofreu obras de ampliação e de transformação da fachada. No interior as paredes foram cobertas por extensos painéis de azulejos.

Recentemente a Fundação financiou o trabalho de restauro destes painéis (2009).

**[Slide 7]**

Passando agora à Ásia, destacarei o primeiro grande projecto da Fundação na Índia.

Em Goa, a Fundação financiou a adaptação de uma ala do edifício fortificado do antigo Colégio Jesuíta, construído no século XVII, em Rachol. O colégio foi transformado em Seminário Diocesano em 1726, na sequência da extinção das ordens religiosas pelo Marquês de Pombal.

Neste projecto, a intervenção da Fundação surgiu na sequência de um pedido do Arcebispo local, preocupado com o destino de um importante espólio que se encontrava disperso por vários proprietários e que corria sérios riscos de desaparecer no mercado internacional de arte.

Numa primeira fase, procedeu-se à inventariação dos objectos mais valiosos dispersos por várias igrejas e por outras instituições religiosas da Arquidiocese - fábricas de igreja, confrarias ou cofres paroquiais.

Posteriormente elaborou-se o projecto de concepção museológica e implementação do respectivo roteiro com a instalação de mais de 140 peças de arte sacra - Relicários, cofres, pintura, imagens religiosas, paramentos, etc., - sendo o conjunto formado por peças emblemáticas do relacionamento histórico entre Portugal e a Índia.

O museu funcionou em Rachol de 1994 a 2001, quando se verificou a alteração da política cultural local, e o acervo foi transferido para a Igreja do Convento de Santa Mónica, em Velha Goa, onde actualmente se encontra aberto ao público.

**[Slide 8]**

Mais a sul, em Cochim, a Fundação optou por mandar construir de raiz, no Paço Episcopal, um edifício destinado a albergar uma colecção significativa de objectos de arte sacra e civil que, tal como em Goa, se encontrava dispersa por várias igrejas da diocese e nos armazéns do Paço Episcopal.

A pedido do Bispo, infatigável defensor da preservação do passado comum dos dois países (Índia e Portugal), a Fundação supervisionou a execução deste vasto projecto.

O altar (que vemos na imagem) estava relegado ao esquecimento, e encontrava-se na sacristia de uma igreja, deteriorado pela humidade e pela formiga branca. No entanto, foram necessárias longas horas de negociações entre o Bispo e a Irmandade proprietária para obter autorização para o restauro e integração no acervo do museu.

Sublinhe-se que no Estado do Kerala, há cerca de 30% de católicos e que na cidade de Cochim esta percentagem sobe para 50%, aproximadamente.

Esta peça é um dos mais autênticos testemunhos da missionação portuguesa na Índia.

#### **[Slide 9]**

Em Calecute, actual Kozhikode, a Fundação financiou as obras de reabilitação da catedral - que devolveram à igreja a cor tradicional da arquitectura portuguesa (o branco). Aqui foram

realizadas obras no interior e no exterior, concluídas em 2009.

Ao longo dos séculos a Igreja foi sujeita a diversas vicissitudes, incluindo acções de vandalismos sobre os objectos de culto, além de intervenções no próprio edifício que deixaram poucos vestígios da traça original. No entanto, são ainda visíveis elementos de nítida influência portuguesa, entre os quais um coro alto, característica específica das igrejas portuguesas, sem paralelo na arquitectura católica da época moderna. A presença do coro alto tem implicações na forma da fachada,

#### **[Slide 10]**

Em Daca, capital do Bangladesh, a Fundação preparou o projecto, coordenou e subsidiou o trabalho de reabilitação.

É interessante notar que a intervenção expôs pormenores de uma antiga construção, muito provavelmente vestígios de uma primitiva capela sobre a qual terá sido construída a igreja.



Também merece destaque a surpreendente simbiose entre a arquitectura religiosa católica e a ornamentação característica da arte muçulmana e mogol.

#### **[Slide 11]**

As relações entre Portugal e a Tailândia remontam ao início do século XVI, quando foi assinado um Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre os dois países.

O Tratado definiu os termos que permitiram o estabelecimento de feitorias portuguesas em vários lugares, entre os quais Ayutthaya, onde o *Portuguese Settlement* chegou a contar cinco igrejas.

As ruínas de uma dessas igrejas foram objecto de intervenção por parte das autoridades tailandesas, com a colaboração da Fundação. As escavações arqueológicas revelaram um impressionante cemitério com mais de 250 esqueletos.

A recuperação do conjunto incluiu a construção de um pavilhão para abrigar os esqueletos, a consolidação das ruínas da igreja e a construção de

um cais fluvial para facilitar o acesso dos visitantes provenientes de Banguetocoque.

A Fundação realizou ou subsidiou outros projectos, como neste caso, **[Slide 12]** nas Filipinas. Obras de manutenção de quiosque onde se guarda uma cruz que se acredita ter sido plantada por Fernão de Magalhães. Na Indonésia, no complexo de piscinas do sultão de Yogyakarta **[Slide 13]** um vasto conjunto arquitectónico e paisagístico. Segundo as crónicas locais, o Palácio foi construído no século XVIII com a participação de um português versado em arquitectura, sobrevivente de um navio naufragado e que o Sultão chamou para colaborar no projecto.

A Fundação elaborou outros projectos que ofereceu para serem executados localmente. Malaca. **[Slide 14]** o projecto deveria integrar o que resta da Fortaleza portuguesa - a Porta de Santiago - e as ruínas da Igreja de São Paulo. Ou no Irão, em Ormuz **[Slide 15]** e Qeshm **[Slide 16]** - os projectos para a reabilitação de duas fortalezas.

[E estamos já na nossa viagem de regresso]

Em África **[Slide 17]** este foi o primeiro monumento a ser intervencionado pela Fundação, em 1958,

quando o território ainda era um protectorado britânico. O forte foi construído em finais do século XVI e é uma imponente estrutura de blocos de coral. Quarenta anos após a primeira intervenção a Fundação realizou novos trabalhos de limpeza das muralhas e do fosso que assim ficou integrado no monumento para usufruto dos visitantes (2001).

**[Slide 18]**

Este é um original exemplo da arquitectura militar. Foi construído em 1505 por Vasco da Gama. O local era um importante entreposto de exportação de ouro para a Europa. No entanto, rapidamente deixou de interessar e o forte foi abandonado poucos anos depois. Foi ocupado pelos locais e adaptado. São visíveis os acrescentos muçulmanos. A Fundação ofereceu um projecto para uma possível recuperação pelas autoridades tanzanianas.

**[Slide 19]**

A construção deste Forte foi pela primeira vez ordenada em 1721. Ajudá era na época uma importante escala do tráfico de escravos. Os portugueses estabeleceram aqui uma feitoria e, já no século XX o edifício manteve-se como representação diplomática.

Em 1961, Portugal abandonou o enclave: o Residente português deixou o Forte incendiando uma parte das instalações. A Fundação levou a cabo um projecto de restauro, concluído no início em 1995.

**[Slide 20]**

[Prosseguindo a nossa viagem, encontramos-nos em Marrocos.]

A Fundação desenvolveu um projecto para a recuperação da Torre de Menagem da fortificação de Arzila, construída em 1508.

No início dos anos 1980, a Torre estava bastante arruinada (como se vê) **[Slide 21]** em grande parte devido ao terramoto de 1755 que também se fez sentir no Norte de África. O trabalho da Fundação consistiu na elaboração do projecto (vê-se na imagem um corte vertical), com a reconstrução do terceiro piso e da cobertura. Podemos ver **[Slide 22]** alguns pormenores do edifício e a da cobertura em madeira: aqui **[Slide 23]** o telhado, desenhado a partir de gravuras antigas; o pormenor da estreita e íngreme escada interior; e as duas maquetas mandadas fazer pela Fundação no âmbito do projecto.

**[Slide 24]**

Este é o projecto mais recente da Fundação. Trata-se de uma intervenção prevista na Catedral Portuguesa de Safim, construída em 1519 e hoje totalmente "abafada" pelo casario labiríntico da medina da cidade (como se observa na imagem à direita).

As ruínas da Catedral mostram uma impressionante arquitectura manuelina - no antigo altar-mor com uma abóbada onde se vêem as armas de D. Manuel I, e uma capela adjacente, sem cobertura, com o arranque da abóbada do tipo manuelino.

A Fundação elaborou um projecto que entregou ao Ministro da Cultura marroquino em Outubro último e aguarda uma resposta com vista a uma próxima actuação.

**[Slide 25]**

[Antes de terminar a nossa viagem uma intromissão no Mediterrâneo.]

A Fundação manteve uma colaboração com o *Medina Rehabilitation Committee* para a renovação do Pátio de Honra do Palácio Vilhena, mandado construir no

século XVIII por um grão-mestre português da ordem soberana de Malta - D. Manuel de Vilhena. Grande estadista este grão-mestre teve uma influência decisiva no desenvolvimento urbanístico da ilha.

Em suma, na área da preservação do património histórico a Fundação tem oferecido diferentes níveis de participação **[Slide 26]**:

- a. Através de apoio financeiro.
- b. Apoio técnico especializado através da colaboração de peritos portugueses - arquitectos, engenheiros, historiadores, museólogos e outros). Ou,
- c. Esteve directamente envolvida, assumindo a responsabilidade integral de projectos, da fase de elaboração à fase de execução.

Para finalizar, gostaria ainda de referir um trabalho que por si próprio revela a importância que a Fundação atribui a esta área.

A Fundação Calouste Gulbenkian decidiu promover a realização de um inventário **[Slide 27]** do

Património de Origem Portuguesa no Mundo -  
arquitectura e Urbanismo.

Para o realizar, convidou um reconhecido  
historiador português - Prof. José Mattoso.

O projecto teve início em Setembro de 2007, com a  
definição dos critérios e a formação da equipa de  
várias dezenas de investigadores - coordenadores de  
área, e colaboradores - que identificaram e  
estudaram um conjunto muito importante de  
monumentos e de traços urbanísticos de origem, ou  
de influência, portuguesa dispersos por três  
continentes.

O trabalho de investigação concluiu-se em dois anos  
(2009). No ano transacto, a Fundação publicou os  
resultados: três volumes, mais de 1.800 páginas de  
informação sistemática - textos, fotografias e  
cartografia sobre os vestígios portugueses na  
América do Sul - Brasil e Uruguai - em África, Mar  
Vermelho e Golfo Pérsico, e na Ásia e Oceânia.

Em breve publicaremos a respectiva versão inglesa.

Pela primeira vez, se divulga de forma sistemática,  
reunida num só *corpus*, informação que fica à

disposição de todos os que se interessam pelas questões do Património. A Fundação Calouste Gulbenkian deseja, assim, que este vasto trabalho seja um ponto de partida para futuras investigações e novas abordagem e de outras intervenção.

**[slide 28]**

Muito obrigada.